

A consciência negra: o que cada um tem com isso?

Zélia Ludwig e Marcia Barbosa

Marcia assiste a um filme antigo. Ela quase não consegue prestar atenção ao enredo, pois fica chocada com o número de pessoas fumando nas cenas. É fascinante observar como a sociedade em um par de décadas transformou um hábito, fumar, em um vício que não é mais aceitável em ambientes fechados. Se faz mal para os outros, não é socialmente aceitável. Avançamos tanto neste tema de saúde pública, mas os filmes continuam um universo de protagonistas brancos. Ainda hoje expressões como "lista negra", "inveja branca", "mercado negro", continuam sendo usadas sem provocar o incômodo que uma pessoa fumando em cena provoca.

Alguns diriam que a palavra não causa dano e que a vigilância retórica é uma inconveniência. Prof. Claude M. Steele em uma série de estudos mostra como o estereótipo negativo ligado a pessoas negras [1,2] pode levar a um desempenho ruim em sua formação escolar. Cada palavra negativa relativa a uma pessoa negra se torna uma profecia pronta a ser cumprida pelo próprio indivíduo. O racismo estrutural impõe barreiras às comunidades negras fazendo com que uma grande parcela seja excluída de oportunidades e condições necessárias tais como moradia, saúde, emprego e ensino.

Além do mais a contribuição e o legado do povo negro sempre foram invisibilizados na sociedade e nas carreiras de ciência e tecnologia. Barreiras sempre foram impostas retirando os negros de espaço de conhecimento, decisão e poder. Quando o assunto é ciência não seria diferente, sabemos que as meninas negras não são incentivadas a pensar ou a fazer parte da ciência. E o que as separa desse universo científico é a falta de oportunidades e representatividade nos espaços acadêmicos.

Para a pesquisadora Zélia Ludwig, que é uma mulher negra e mãe, esse cenário não foi diferente [3]. Com o avançar na carreira ela pode perceber que essas desigualdades aumentavam cada vez mais. Bastou pesquisar para perceber que somente 16% dos professores universitários são negros e menos de 3% das docentes da pós graduação eram mulheres negras [4,5].

Diante desse cenário e das inquietudes por se sentir sozinha no meio acadêmico, a professora Zélia Ludwig e outros colaboradores criaram um projeto com ações concretas que pudessem aumentar a diversidade e a equidade, oferecendo oportunidades de escolhas para crianças negras que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica [6].

Educadores, cientistas e sociedade em geral precisam trabalhar de forma coletiva para combater o racismo estrutural e os estereótipos permitindo que as crianças possam fazer suas escolhas e ocupem os espaços que são seus por direito.

O projeto coordenado por Zélia conta com atividades que combinam ciências, robótica, arte, música e rodas de conversa onde se debate as questões de gênero, étnico-raciais e a valorização da ancestralidade e os mecanismos de enfrentamento à violência, ao racismo e ao sexismo.

A motivação para desenvolver esse projeto veio da vivência da pesquisadora que foi uma criança muito curiosa e que encontrava nas explicações de seu pai as respostas para as suas diversas perguntas.

Zélia conta que o apoio da família foi decisivo para seguir adiante nessa carreira mesmo encontrando tantas dificuldades. Com sua mãe aprendeu a ser resiliente e muito cuidadosa em tudo o que faz. Pensando assim, construiu esse projeto pensando exatamente em oferecer para as meninas negras esse apoio, incentivo que ela encontrou em casa e que muitas vezes não se encontra fora dela.

Nesse sentido, o projeto promove o empoderamento e o reconhecimento de mulheres negras na ciência brasileira através da valorização da ancestralidade e da luta de mulheres pioneiras não só na ciência, mas na vida, retirando-as de um espaço de servidão, isolamento e invisibilidade impostos pelo racismo estrutural. Pois quando falamos de mulheres negras muitas são responsáveis por cuidar sozinhas da família garantindo o sustento.

Outro ponto importante é servir de inspiração para muitas meninas e jovens mostrando o protagonismo de outras mulheres negras cientistas que enfrentaram o racismo institucional e vem transformando o mundo com seus conhecimentos e representatividade. A luta do povo negro vem sendo pautada em esforços coletivos com trocas de experiências e saberes acumulados ao longo de anos e que muitas vezes foram apagados ou esquecidos.

É preciso investir mais nos inúmeros projetos desenvolvidos pela comunidade negra que descoloniza os saberes através do protagonismo negro e em ações concretas que sejam capazes de mudar este cenário de desigualdade dentro e fora da universidade garantindo não só a entrada mas também a permanência e na ascensão da comunidade negra [7,8,9].

Outro ponto importante que merece ser destacado é o levantamento e a disponibilização de dados sobre a presença e a participação das mulheres negras em universidades, grupos de pesquisa, agência de fomento e comitês de avaliação para que se possam criar políticas públicas capazes de aumentar de fato a diversidade e a equidade dentro da academia e da sociedade em geral.

Já é tempo de avançar para além do campo dos debates para as ações concretas dentro e fora das universidades levando em consideração o que diz a Lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade de se trabalhar a história e a cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares [10].

Não se pode conceber mais a ausência de mulheres negras nos espaços de decisão, nos comitês de avaliação, nos editais, nos cargos de chefia e pós-graduação. Pois somente quem sente todos os dias a força do preconceito sabe da importância de se conquistar esses espaços e da necessidade de se abrir caminho para outras. Hoje com a redução de incentivo à pesquisa sabemos da importância em aumentar a diversidade na ciência como forma de torná-la uma ferramenta para a inclusão e equidade no país. Mudanças só serão alcançadas levando em conta as vozes das comunidades que estão em situação de vulnerabilidade econômica e criando oportunidades e condições socioeconômicas que lhes permitam vencer a linha da pobreza que os impede de serem donos de suas próprias escolhas.

Mudanças iniciam por cada um e por todos dizendo a coisa certa, eliminando a linguagem racista e promovendo o ensino com e para a diversidade.

Referências:

[1] <https://claudesteele.com/papers/>

[2] <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7473032/>

[3] Zélia, a cientista ultrarresistente como o vidro que cria <<https://tribunademinas.com.br/acervo/outras-ideias/10-06-2018/zelia-cientista-ultrarresistente-como-o-vidro-que-cria.html>>. Acesso em 08 de Novembro de 2021.

[4] Negros representam apenas 16% dos professores universitários. <<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-apenas-16-dos-professores-universitarios.ghtml>> .Acesso em 09 de Novembro de 2021.

[5] Menos de 3% entre docentes da pós graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia. <<https://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>>. Acesso em 09 de Novembro de 2021.

[6] Para meninas negras na ciência: projeto é selecionado pelo Camp Serrapilheira. < <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/08/10/projeto-de-incentivo-para-mulheres-negras-na-ciencia-selecionado-no-camp-serrapilheira/>>. Acesso em 09 de Novembro de 2021

[7] Descolonizando Saberes - Mulheres Negras. Bárbara Carine Soares Pinheiro. Livraria da Física.

[8] Educação Científica e Negritude: Mulheres Negras na Ciência. <<https://rioonwatch.org.br/?p=54762>>. Acesso em 09 de Novembro de 2021.

[9] Meninas e Mulheres nas Ciências: Projeto dá visibilidade ao trabalho de cientistas pretas. <<https://negre.com.br/meninas-e-mulheres-nas-ciencias-projeto-da-visibilidade-ao-trabalho-de-cientistas-pretas/>>. Acesso em 09 de Novembro de 2021.

[10] Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Lei 10.639, 3 de Janeiro de 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em 09 de Novembro de 2021.